



PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs. | Brazil, anno 32 numeros..... 2\$500 rs
Semestre, 26 numeros..... 500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio..... 100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1\$800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data ;
tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua de Almada, 32 e 34

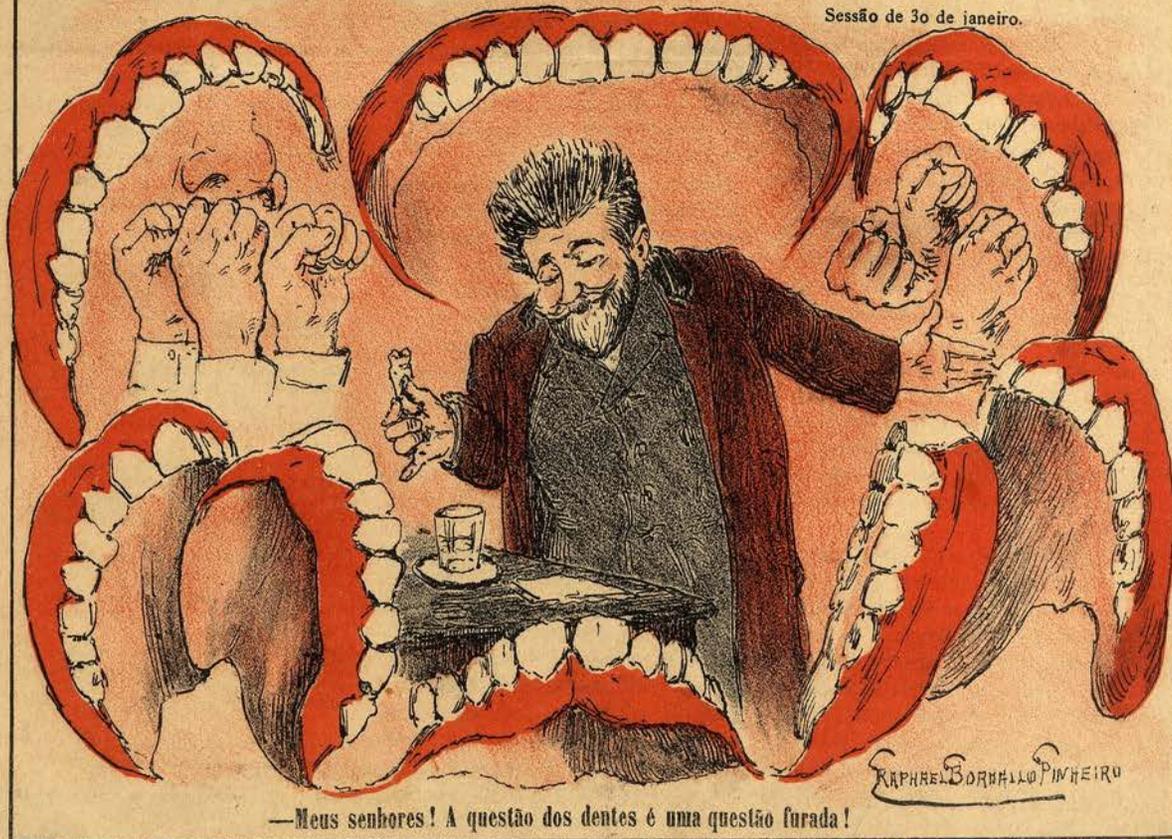
OS TUMULTOS NA CAMARA

Explicações do deputado O. Mattos

—Riam! riam! Para alguma coisa
lhe hão de servir os dentes, mais do
que para comer!

SR. DEP. O. MATTOS.

Sessão de 30 de janeiro.



—Meus senhores! A questão dos dentes é uma questão furada!

O Protesto



Começa-se a protestar contra as propostas de fazenda e, não ha duvida—São favas contadas. As propostas de fazenda passam.

Em Portugal é assim: o protesto não só não impede que os factos se deem, como parece fazer com que se deem mais depressa.

Em Portugal—curioso paiz!—protestar é fecundar.

Os governos tem algumas vezes contra si a opposição e esbarram; mas quando tem contra si o paiz, então é certo—vão para diante.

Démos-nos ao trabalho de observar este phenomeno e eis aqui o resultado das nossas observações: os governos não esbarram contra o paiz, porque nunca tem contra si o paiz.

Mas então — o protesto?

O protesto não é o paiz.

O protesto é o normando 10 nos jornaes da opposição, — *o povo não pôde e não deve pagar mais.*

O protesto é o sr. Pinheiro de Mello na Associação dos Logistas.

O protesto é o sr. Henrique Taveira na Associação Industrial.

O protesto é o Centro Commercial do Porto e o seu grupo de commissionados desembarcando na estação do Rocio e espalhando se pelos hoteis da Baixa.

O protesto é um comicio que inevitavelmente a auctoridade prohibe e ao qual, por esse motivo, ninguem vae.

O protesto é uma representação, que o governo virgula, que é entregue ao rei e que geralmente ninguem lê.

O protesto é o sr. Fuschini pregando-nos a todos uma estopada de hora e meia na camara dos senhores deputados, e depois nos jornaes da manhã.

O protesto é o sr. Dias Ferreira propondo mais uma vez no seu jornal *O Tempo*, o seu famoso dilemma — *Redempção ou Morte.*

O protesto é finalmente a despedida da commissão do Centro Commercial do Porto, na estação do Rocio, com vivas á Patria e apparatus policial, e a suppressão, por já não ser precisa, da rubrica — *o povo não pode e não deve pagar mais*, das columnas dos jornaes da opposição, o restabe-

lecimento da ordem, que em rigor, nunca foi perturbada, porque se encarregaram de a manter precisamente aquelles que pareciam perturba-la, e, em resumo, a consummação dos factos.

Quando veem vir o protesto, os governos não se alarmam: já sabem o que é. E' o sr. Pinheiro de Mello, com a sua voz digna, na Associação dos Logistas, dando a palavra; é o sr. Taveira exercendo a mesma função na Associação Industrial; é o comboyo do Porto conduzindo os commissionados e que vem atrasado; é o pedido para o comicio que não se realisarà, é a inevitavel representação, é o inevitavel discurso do sr. Fuschini, é o inevitavel artigo do sr. Dias Ferreira.

Tendo dado tempo a que estas corporações e cavalheiros deem cumprimento á sua função de protestantes officiaes, o governo submete á approvação da sua maioria as medidas que foram objecto d'esta manifestação de protesto, e passa á ordem do dia.

Aqui está, portanto.

O protesto é o sr. Pinheiro de Mello, o protesto é o sr. Taveira, o protesto é o Centro Commercial do Porto, o protesto é o sr. Dias Ferreira, é o sr. Fuschini, é a imprensa da opposição e o seu normando 10 — mas não é mais nada.

N'este ponto de vista, o protesto não é uma função forte da soberania geral, mas a attribuição privada e derreada de alguns cidadãos.

E' o protesto administrativo.

E' o protesto burocratico.

E' o protesto manga d'alpaca.

E' o protesto pelouro do protesto.

Por isso os governos o desdenham, com razão, e por isso elle é nullo.

Nullo?

Completamente nullo. — Elle nada impediu e tem consentido tudo.

Eis aqui as propostas de fazenda.

O sr. Pinheiro de Mello já reuniu a Associação dos Logistas, e o sr. Taveira se não o fez, vae fazel-o; chegou já do Porto a commissão do Centro Commercial e ahi está espalhada pelos Francfort e pelos Irmãos Unidos, não sabemos se com armas mas certamente com bagagens; o sr. Dias Ferreira começou já a propôr á nação o seu dilemma; o sr. Fuschini, afia o seu socialismo de dois gumes; um comicio está sendo organizado a

capricho e uma representação espera os últimos toques do governo, para ser entregue ao rei. A imprensa d'opposição mobilizou todo o seu normando 10.

Ainda não é tudo.

Falta ainda que o sr. Fuschini pronuncie o seu discurso, que a commissão do Centro Commercial regresse ao Porto, que o comicio seja prohibido, ou que não o seja, com igual resultado, e que a imprensa opposicionista dê por finda a sua missão fazendo recolher á caixa os normandos.

Feito isto, as propostas de fazenda passam.

O protesto — eis o facto — é nullo porque a nação é nulla.

A nação não dorme — como o pretendem alguns dorminhocos.

A nação não parece existir.

A nação é um logar vago, onde ás vezes se senta o sr. Pinheiro de Mello, onde outras vezes se senta o sr. Taveira e onde os srs. Augusto Fuschini e José Dias Ferreira estão alternadamente a ares.

Quando uma nação existe e protesta, ella não se organisa em associação de classe, com uma campanha de cobre e um estatuto approved, ella não estuda discursos, ella não medita artigos de fundo, ella não faz phrases, ella não faz ditos.

Arranca e derruba.

JOÃO RIMANSO.



Canto d'amor

Sou o pobre do Zé esmagado,
Serradura comendo no pão;
Levo vida de gato pingado,
Minha fome parece de cão!

Tive a minha guitarra das hortas,
Onde maguas ás mil espalhei;
Mas as coisas correram tão tortas,
Que nas mãos do padeiro a empenhei!

Sou um homem que vive no mundo
Sem passar de comer carapau;
E que vê muito gajo rotundo,
Por ter prenda de fio marau!

Sou o pobre, que pede uma esmola
E em vez d'ella um tabefe apanhou;
E se julga feliz na gaiola,
Onde a lei carinhosa o encaixou!

Eu não posso ser falso moedelro,
Ando farto de entrar no estarem!
João Franco, que andaste em Aveiro,
Ai! por Deus! não te esqueças de mim!

AMIGO BANANA.

Selo da representação...

A semana passada houve tumultos na Camara.

O que foi?

Não foi nada.

Foi o deputado sr. Oliveira Mattos que, mais uma vez, se zangou.

O sr. presidente pôz o chapéu na cabeça, as galerias foram evacuadas e suspendeu-se a sessão.

Passado algum tempo, a sessão reabriu, e tudo estava nos seus logares. O sr. presidente na presidencia, o sr. Oliveira Mattos na minoria, o publico nas galerias.

Então, muito digno, o sr. Oliveira Mattos levantou-se e disse:

—Sr. Presidente. Eu disse ha pouco que tinha tido muito prazer em vêr os dentes á maioria, porque isso provava que ella não os tinha apenas para comer. Esta allusão á soberba dentadura da maioria desagradou geralmente. Retiro os dentes e não tenho duvida em manifestar assim pelos incisivos como pelos queixaes da maioria a maior consideração.

Pares—muito bem! muito bem!

Feito isto, o Sr. Deputado Oliveira Mattos sentou-se e a sessão proseguiu dando-se por findo o incidente.

*
*
*

O sr. deputado Oliveira Mattos retirou a injuria pessoal, mantendo porém, a injuria politica.

Eis a questão: quando na camara se diz—«a maioria é uma cambada.» fica resalvada a dignidade pessoal dos membros da maioria.

A maioria—cambada é uma abstracção.

**A Circumvallação**

A proposito da nova circumvallação de Lisboa:

Um individuo residente em Bemfica decidiu retirar-se para Melgaço—até, diz elle, que lá chegue a circumvallação de Lisboa.

Com effeito, Lisboa dentro em pouco transborda e é o paiz todo, e haverá então um unico modo de não estar dentro da circumvallação.—E' emigrar... clandestinamente, afim de evitar que a circumvallação corra atrás dos fugitivos.

**Um bom negocio**

Como é sabido, o nosso governo recebeu uma proposta do Estrangeiro para a venda do cruzador *Dom Carlos* a uma das potencias interessadas directamente no conflicto russo-japonez.

No dia em que a proposta deu entrada na Direcção Geral de Marinha, logo constou o caso na Casa da Balança, onde costuma reunir-se a officialidade á hora da ordem.

E estava-se discutindo acaloradamente a noticia, quando chegou de bordo do navio que commanda um brioso official que não guarda para si o mal que pensa das nossas coisas publicas, e que ainda no domingo passado foi, vestindo a sua farda, cumprimentar no Avenida Palace o Doutor Bernardino Machado.

Chegando-se a um dos varios grupos que ali se tinham formado, e perguntando muito naturalmente o que havia de novo, disseram-lhe:

—«Pois Você ainda o não sabe? Ha quem queira o D. Carlos...»

E então elle, muito a sério:

—«Bem sei. São os franquistas.»

**Matar ou esborrachar**

Dizem que o progresso é vaga
Que se enrola triumphante;
Pois eu rogo-lhe uma praga
Emquanto elle não me esmaga
Com audacias de gigante!

O automovel assobia?...
Tremo e desmaio também;
Creio que o som me annuncia
Defunto na freguezia
Ou no hospital mais alguém!

Lá vem outro... E' um cyclista
Que faz figura de aranha;
E marcha p'ra a Boa Vista
Para fazer a conquista,
D'uma sopeira da Idanha!

Passa o electrico! Ai! coitados
D'aquelles que alli vão juntos,
Livres de negros cuidados!...
Chamem os gatos pingados
Que já me cheira a defuntos!

Lá parte o elevador!
E diz um, feito pregoeiro
Por muito excesso d'amor:
«—Quem quer ir n'aquelle andar
Segura a vida primeiro!»

Andamos co'a vida em risco,
Não ha quem descanço goze,
Acuda-nos S. Francisco!...
Não bastava a lei do fisco,
Nem D. Tuberculose!...

E, p'ra que de vez acabe
O meu singello dizer,
Onde a verdade só cabe...
—O novo nuncio não sabe
Onde se veiu metter!...

Da galeria

Na Camara dos Pares, o digno par Eduardo José Coelho, referindo-se a um telegramma da Sociedade Chimico Pharmaceutica do Porto ao chefe do Governo pedindo providências contra elle, orador, por causa de allusões que fizera áquella Sociedade quando tratára do concurso para lente da Escola de Pharmacia do Porto em que foi admitido por uma protecção escandalosa um concorrente que não podia lá entrar, achou o caso assaz alegre, pois não atinava com a especie de providencias que o Sr. Presidente do Conselho poderia tomar contra elle. E accrescentou:

—«Ainda se fosse o Sr. Presidente da Camara, vá! Mas nem esse mesmo teria que intervir, pois nas referencias que fiz a essa collectividade nem sequer lhe citei o nome, e apenas alludi a ella pela fórma mais innocente... Digo isto, não para desfazer ou retirar alguma coisa do que affirmei, pois nunca o fiz nem o faria agora, com sessenta annos que tenho; mas digo-o para insistir em que, agora como sempre, não costume faltar ao respeito a ninguem, justamente para que não me falte o respeito dos outros!»

Na galeria das senhoras, uma dama de respeitavel idade, para outra de idade não menos respeitavel:

—«Ora vê lá tu como são as coisas... Este a não querer que ninguem lhe falte ao respeito, e nós então a desejarmos que alguém nos faça exactamente o contrario!»

**Atropelamento e plada**

Na Camara dos Deputados tem sido muito debatida a necessidade de se estabelecer um novo regulamento para a marcha dos automoveis, em consequencia dos successivos desastres que ultimamente se tem dado com aquelles carros.

A respeito de um d'estes desastres, occorrido na Avenida da Liberdade, o Sr. Ministro das Obras Publicas declarou que, segundo as informações que podera obter, e que se lhe afiguravam muito exactas, a culpa toda coube a dois cavalleiros que pararam os seus cavallos para cumprimentar o Sr. Infante D. Affonso, o qual passava naquella occasião. Se o não tivessem feito, não se teria dado o desastre.

Conclusão do nosso collega Mendonça e Costa:

—«O que ha pois a fazer, quando se aviste o Sr. Infante D. Affonso, não é cumprimento. E' largueza!»

OS MESSIAS



O Paiz esperava um homem — aparecem-lhe dois

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Dois Acaacios

No banquete que os jornalistas de Lisboa offereceram ao jornalista brazileiro Sr. Fernando Mendes d'Almeida, um dos brindes foi levantado pelo Sr. Conselheiro Ferreira do Amaral, por parte da Sociedade de Geographia.

E o Sr. Amaral começou então o seu brinde alludindo graciosamente á rhetorica do Conselheiro Accacio.

Um dos convivas, algum tanto surdo, e afastado do logar d'onde falava o conhecido lobo do mar, não conseguira ainda ouvir outra coisa do discurso, e só quando o orador pronunciou o nome do Conselheiro Accacio é que elle o ouviu muito distinctamente.

E voltando-se então para o outro conviva que lhe ficava ao lado, o conviva surdo dizia:

—«Que raio de mania que este homem tem de falar sempre de si!»

O Zé dos Olivaes

O genuino Zé Parvonio
Soffre albarda e atafaes,
Ponha-lhos Pedro ou Antonio,
Mas tem no corpo o demonio
O Zé lá dos Olivaes.

Uma carga desmedida
Querem-lhe finfar no pello;
Elle põe a orelha erguida...
Se foi burro toda a vida
Não quer chegar a camello

Dizem-lhe que é necessario
Deixar vazia a sacola...
Para que este nosso erario
Não siga o trilho ordinario
De andar a pedir esmola.

Mas o Zé dos Olivaes
Entendeu, ou bem ou mal,
Que pagar os cães dos mais
E' das taes coisas eguaes
A chavelhos do curral.

O dito Zé, á Rainha
Vae levar a petição
Como quem pede esmolinha...
Pois dos homens da egrejinha
Não espera protecção.

A Rainha acode prompta
Para que findem os ralhos.
Que a cabeça fazem tonta...
Mas elles farão a conta,
Dando outra volta aos negalhos!

Sei que o Francó inda não tem
O competente galão;
Mas, depois de pensar bem,
Era a elle — e a mais ninguem
Que eu levava a petição.

FRAN-CACIO.

Deus nos acuda

Um que crê no José Dias,
Disse — e disse muito bem
Que antes das economias
Não largue o povo um vintem.

Pois este que disse bem,
Tambem disse muito mal...
Não viu o augmento que tem
A guarda municipal!

O que se vê sem emprego,
Deve a renda do cortiço,
Ponha as ceroulas no prego...
Se é que ainda é dono d'isso!

Aquelle que se consome
Para os filhos sustentar...
Deixe morrel-os, á fome,
E o tributo vá pagar!

Ha corações generosos?...
Não cesso de o repetir
Mas todos os caridosos,
Não de chegar a pedir!

O Rufino de Carvalho,
Almas das que o céu ajuda,
Viu-se feito num frangalho
Por lhe sair a taluda!

Tudo isto vae tão escasso,
Que diz cá a minha Monica:
— Nem o Terreiro do Paço
Basta á Cozinha Economica!...

Não ha rubicundo rosto,
A fome as vidas encurta.
E este paiz é composto
De quem dá, ou pede, ou furta!

Somos uns pobres de Christo
E já fomos uns nababos!...
Não queria ser rei d'isto
Nem por seiscientos diabos!

Mas, por magia a mais rara,
Se vier outro rei machucho,
Aposto os olhos da cara
Que temos arcos de bucho!

Greve de medicos

Os medicos de Guadalajára (Hespanha) ameaçaram declarar-se em greve.

Era justo que os doentes fizessem outro tanto.

Mas qual! A corda parte pelo mais fraco!

Chimica palaciana

Um dia d'estes, na aula de chimica da Escola Polytechnica, o sr. professor Achilles Machado, no acto de fazer uma demonstração, dirigindo-se a S. A. o Principe Real, seu discipulo:

— Meu senhor! Estes dois gazes vão ter a honra de se combinar na presença de Vossa Alteza...

Manifestações e cautelas

Mais de cinco mil pessoas aguardavam na gare do Rocio a chegada do Doutor Bernardino Machado, — disseram os jornaes independentes. E tal foi o apertão que se estabeleceu á saída, que o proprio Doutor teve de segurar-se ao braço do Sr. Major Dias para poder romper por meio da multidão que, sem cessar, o acclamava.

A policia, na força de quarenta guardas, foi prudente e sensata, disseram tambem os mesmos jornaes, não praticando acto algum merecedor de censura, e procurando facilitar quanto possivel a passagem do recém-chegado.

O Doutor Bernardino Machado personalisa hoje, em Portugal, o ideal republicano. O Major Dias era considerado até hoje o esteio mais solido das instituições vigentes.

O facto de o Sr. Major Dias offerecer o braço ao Doutor Bernardino, não symbolisa precisamente a taluda, mas é já, seguramente, uma aproximação!

31 de janeiro

O partido republicano celebrou a data do 31 de janeiro nos cemiterios. Não é o que se chama uma manifestação de vida.

Diz a proposito uma folha democratica que o partido republicano começou a reparar injustiças.

Se começa pelos mortos — tem para peras.

Galuno de eleições

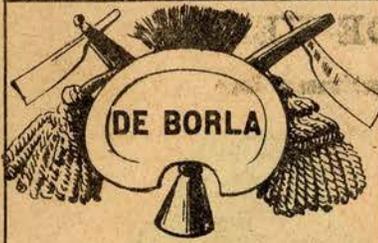
Em pleno parlamento, o Sr. Antonio Cabral affirmou que o Sr. Governador Civil de Lisboa, quando o era do Porto, roubara ali varias eleições.

Nós não sabemos já aonde tudo isto vae parar.

Noutros tempos, quem queria uma eleição, comprava-a. Era materia corrente.

Agora, nem já se compra. Rouba-se. E é tambem materia corrente.





Estreiou-se no Gymnasio uma comedia — *O Casebre*.
Veiu abaixo.
Tambem não admira. — Um casebre!

Prorogada por mais tres annos a exploração de S. Carlos.
Não é um theatro. — E' um fóro.

Partiu para Lourenço Marques o actor imitador José Vaz.
Vae por conta do ministerio da marinha.



A hygiene das prisões

O director das prisões de Londres, de nome Drufrust, de passagem por Lisboa, visitou o Limoeiro, percorrendo todas as dependencias d'aquella cadeia, e dizendo acha-las magnificas, muito ventilladas, e em condições extremamente hygienicas, admirando tudo e elogiando tudo.

Commentario de um preso:
— «Ora! Nem o cavalheiro imaginava... Está-se aqui muito melhor que na Avenida Palace — e não ha o perigo da conta!»



Recebidos & agradecidos

Entre outros numerosos e graciosos brindes de anno novo, o calendario da casa Baeta Dias, entre todas constituindo uma verdadeira obra prima de originalidade e gosto.

E' uma das mais bellas da collecção.

O Mundo Elegante revista de modas, de grande tom e grande allure, util ás damas e grata á vista.

Grande numero de bellissimas gravuras.

**EXPEDIENTE
CAPAS**

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes que já estamos habilitados a satisfazer todos os pedidos de capas — os quaes serão immediatamente satisfeitos, — vindo acompanhados da importancia de 740 réis, — sendo 700 para a capa e 40 réis para porte do correio.

Esta administração tambem se encarrega da encadernação pela modica quantia de 200 réis.

Egualmente prevenimos os nossos prezados agentes de que não podemos satisfazer-lhes os pedidos que não venham acompanhados das respectivas importancias, por isso que o serviço de capas e encadernações corre este anno desligado dos demais serviços d'esta empreza.

Fica assim dada resposta aos innumerados pedidos que temos recebido fóra d'estas condições.

Marcellino Mesquita

UMA ANEDOTA

Episodio dramatico

Preço 200 réis

Requisições a Carlos Martins — Rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º

Callista

pedicuro



JERONYMO FERNANDES
Empregado da casa Ornella
R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e E desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

Capa d'A COMEDIA PORTUGUEZA

A cores e dourada

PREÇO 600 RÉIS

Encadernação 200 réis

Porte do correio: 40 réis

Collecção do 1.º anno

ENCADERNADA

Preço 2\$400 réis

Vende-se na rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º

**CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel**

Extirpações sem dor de todos os callos, serviços antisepticos, etc. Cura radical de unhas encravadas, etc.

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16



CASA PORTUGUEZA

Papelaria e typographia

José Nunes dos Santos

Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephónico 220—Endereço telegraphico Papelytypo

PAPELARIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos p ecisos nas escolas.

TYPOGRAPHIA

Trabalhos typographicos em todos os generos.

Impressões a cores, ouro, prata e sobre setim.

Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141

Officina typographica: R. das Gaveas, 69 LISBOA

Ourivesaria e Relojoaria

com officina annexa

de fabrico e

concertos



Jotas

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

POR 600 RÉIS

Ser photographo!

Apparelho completo com accessorios, livro explicativo ao alcance de quaquer tirar retratos, por 600 réis provincia 650 réis.

Pedir catalogos illustrados. Capas para a encadernação d'«A Parodia», 1.º, 2.º e 3.º anno. Empaste 200 réis.

Alves & Ferreira

220, Rua Augusta, 222



Os celebres gabões d'Aveiro
Não ha em Portugal quem venda mais barato e mais bem feito do que o

JOSÉ CLEMENTE

51—Rua da Escola Polytechnica—55

ENCADERNAÇÃO

Simples e de luxo, cartonagens, dourados em fitas para cordões e em toda a qualidade de pelles. Casa premiada em diversas exposições.

Paulino Ferreira

126, Rua Nova da Trindade, 132

O SEGURO MORREU DE VELHO

Opiniao de um Esquartista depois da manifestação republicana do Rio



VIVA O
SÃO
BERNARDINO

ABAIXO O
GAVERNOOO!

- Mais vale uma Monarchia na mão do que duas Republicas a voar!...